

GÊNERO E EMOÇÕES NAS REPRESENTAÇÕES DE LEITORAS DOS MANUAIS DE AUTOAJUDA

Avance de investigación en curso

GT26- Sociologia do corpo e as emoções

Rossana Maria Marinho Albuquerque¹

Resumo

O artigo apresenta resultados parciais da pesquisa, na qual se discute gênero, a partir de manuais de autoajuda (*best sellers*) e das representações das leitoras, no contexto brasileiro. O eixo central relaciona gênero, autoajuda e emoções na contemporaneidade. Para compreender a questão em nosso contexto, articulou-se o eixo analítico central ao desenvolvimento histórico da cultura de autoajuda; a compreensão teórica e histórica dos padrões de gênero produzidos socialmente; a particularidade do contexto brasileiro no que se refere à construção de gênero e à difusão da cultura de autoajuda; o encontro entre autoajuda, literatura, gênero, afetos, racionalidade e mercado, elementos que marcam notoriamente o tema em análise.

Palavras-chave: gênero, emoções, autoajuda

1 – Introdução

No presente artigo, apresento algumas constatações da pesquisa em curso, na qual discuto representações de gênero, a partir da literatura de autoajuda, como também das leitoras. Para esta exposição, selecionei dois dos manuais analisados e alguns trechos de sete entrevistas feitas com leitoras. Tanto os manuais, quanto as falas das leitoras, já permitem extrair várias questões associadas a gênero, cultura terapêutica, emoções, na contemporaneidade.

Ao todo, na pesquisa, são analisados quatro *best sellers* publicados no Brasil e até a atual fase, foram entrevistadas 21 leitoras de várias regiões do país.

Na exposição que se segue, apresento algumas noções de Eva Illouz e Arlie Hochschild, utilizadas para compreender a difusão da literatura de autoajuda no contexto brasileiro, considerando seus antecedentes culturais situados no contexto americano.

2 Gênero, ethos terapêutico e trabalho das emoções

A chave histórica para a compreensão do fenômeno situa-se nas primeiras décadas do século XX, nos Estados Unidos. Illouz (2011;2008) aponta a institucionalização da psicanálise como um facilitador da circulação internacional das ideias e de legitimidade dos pressupostos desenvolvidos por Freud. A institucionalização foi acompanhada da criação de vários institutos de estudo por seguidores de Freud. No início do século XX, se dá o encontro entre a psicologia americana e o pensamento de Freud, nas conferências na Universidade Clark (ILLOUZ, 2008). O impacto imediato do pensamento de Freud é paradoxal, pois se de um lado instaura uma maneira de compreender a subjetividade

1 Doutoranda em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Bolsista do Cnpq.

humana em confronto com noções hegemônicas na época, por outro desenvolveu uma narrativa sobre a psique humana rapidamente absorvida e adaptada à cultura capitalista no século XX.

Como resultado da síntese histórica que envolve tais elementos, Illouz (2011) aponta o entrelaçamento dos repertórios do mercado com a linguagem da psicologia. Esta fez sentido imediato no contexto americano, dada a configuração da vida urbana, o formato da família típica da classe média, elementos capazes de conferir sentido à elaboração de conceitos que explicavam neuroses, distúrbios, a partir de uma narrativa centrada em um passado histórico familiar. Criou-se um estilo afetivo terapêutico, a partir do qual se desenvolveram técnicas, linguagem, narrativas, que se estabeleceram como as formas de se abordar o “*self*” e sua relação com o outro.

O principal impacto de Freud na formulação de uma imaginação interpessoal, segundo Illouz (2011), pode ser mencionado a partir de três eixos: a) a posição da família no imaginário psicanalítico. Ela é o *locus* originário da narrativa do sujeito, passa a constituir sua biografia e expressar sua individualidade de modo singular; b) a narrativa psicanalítica toma a vida cotidiana como eixo do enredo terapêutico, privilegiando elementos considerados banais (sonhos, lapsos da linguagem), “conferiu ao eu comum um novo glamour, na medida em que ele aguardava ser descoberto e moldado”; c) Freud deu relevo à dimensão da sexualidade, associando a causas inconscientes de patologias, demandando um arcabouço conceitual para abordá-la no interior da lógica culturalizada de uma subjetividade contingente.

A psicanálise instaurou no contexto americano, na compreensão de Illouz (2011), uma ponte entre áreas especializadas do conhecimento (psicologia, neurologia, psiquiatria e medicina), entre cultura institucionalizada e popular, através da mediação da indústria cultural. Nas palavras de Illouz (2011):

Grande parte do material cultural contemporâneo nos chega sob a forma de conselhos, advertências e receitas do que fazer, e, considerando-se que em muitos *loci* sociais o eu se faz sozinho – recorrendo a diversos repertórios culturais para decidir seu curso de ação -, é provável que a literatura de aconselhamento tenha desempenhado um papel importante na configuração dos vocabulários pelos quais o eu compreende a si mesmo. (p. 20)

O encontro do estilo terapêutico com a dimensão de gênero se dá mediante duas fontes de influências: a intervenção dos psicólogos no casamento e o feminismo da segunda onda. Segundo Illouz (2011), nos dois casos a família era metáfora para a compreensão das patologias do eu. Nos anos 1960, a psicologia americana tinha se institucionalizado completamente e se popularizado, sobretudo entre as famílias da classe média, ao passo que o feminismo da segunda onda (situado entre as décadas 1960-1970) privilegia várias questões associadas ao campo da sexualidade e às experiências femininas. Ambos tomaram as experiências cotidianas como fonte de reflexão e produção de um discurso. Se a subjetividade individual ganha relevo em várias esferas da vida social, o feminismo confere contornos políticos à vida privada: “o pessoal é político”. Os dois campos penetram no interior da família e constroem elaborações sobre o universo da vida privada. O substrato mais autêntico dessa fusão é o livro de aconselhamento. Nele coexistem elementos de uma narrativa terapêutica, autodeterminação e autonomia feminina, porém distanciados de suas fontes originais.

Hochschild (2003), analisando os códigos culturais veiculados nos manuais de autoajuda americanos, entre as décadas de 1970 e 1990, identifica a presença de fragmentos de um discurso feminista, porém ressignificados. Tomando de empréstimo “a ética protestante e o espírito do capitalismo” de Weber, afirma que o feminismo está para o espírito comercial da vida íntima assim como o protestantismo estava para o espírito do capitalismo. O espírito comercial da vida íntima toma

de empréstimo significados do feminismo, ressignificando-os, ou, nos termos da autora, abduzindo o feminismo.

Hochschild (2003) compara a disciplina ascética protestante que marca a acumulação primitiva do capital ao esforço dispendido por mulheres, em função do “espírito comercial da vida íntima”, sendo o livro de aconselhamento uma fonte de disciplina seguida por elas, a exemplo do estímulo à frieza nas relações afetivas e os métodos para evitar que o “*self*” se machuque emocionalmente.

Ao esforço de produzir estados de ação e sentimentos sobre si mesmo Hochschild (2003, p. 24) denomina de trabalho das emoções. No caso dos manuais de autoajuda, o trabalho das emoções aparece sob necessidade de instrumentalização e controle de sentimentos de medo, vulnerabilidade, além do estímulo à capacidade de se desligar emocionalmente.

Hochschild (2003) observa que o declínio do patriarcalismo foi acompanhado de uma instrumentalização da ideia de amor e da reciclagem de padrões morais masculinos da década de 1950, que reapareceram adaptados aos valores da chamada mulher moderna. O conteúdo de gênero subjacente à ideia de mulher moderna, que se difunde nos manuais de aconselhamento americanos nos anos 1970, também caracteriza os manuais que vão de popularizar no Brasil no final do século XX. A ideia de mulher moderna, que se vale de termos centrais do feminismo (HOCHSCHILD, 2003, p. 26), “progresso”, “esforço”, “independência”, “igualdade”, porém abduzindo seu espírito, é preenchida pela retomada de valores masculinos americanos dos anos 1950. Neste sentido, ao analisar o caso brasileiro, é preciso questionar “o que há de novo?” e se esse novo acaba por reforçar os lugares de gênero já existentes.

3 - Gênero, trabalho das emoções e linguagem terapêutica nos manuais de autoajuda

Para esta exposição, selecionei trechos de “Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?”, escrito pelo casal Allan e Barbara Pease, e “Por que os homens amam as mulheres poderosas?”, da escritora estadunidense Sherry Argov. As publicações se distinguem em conteúdo e públicos: o primeiro é direcionado a casais e enfatiza as diferenças entre os “sexos”; o segundo, é direcionado a mulheres solteiras que desejam encontrar relacionamentos sérios.

“Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?” está entre os livros de autoajuda mais vendidos no Brasil. Escrito pelo casal Pease, que lidera uma empresa australiana especializada em palestras, livros de aconselhamentos no mundo dos relacionamentos afetivos, interpessoais e área de negócios. A proposta do livro, segundo seus autores, é apresentar as diferenças essenciais entre homens e mulheres, para auxiliar em relacionamentos harmoniosos, onde cada um saiba e “não confunda” sua função enquanto sexo.

O livro afirma que homens e mulheres são diferentes, não porque a cultura os construa dessa forma, mas porque suas especificidades biológicas e hormonais os destinam a capacidades e aptidões distintas. Os autores mencionam estudos que indicariam as diferenças, fazendo cair por terra qualquer intenção de considerar que “homens e mulheres seriam iguais”. O argumento dito científico aparece como um dado, não há problematização ou a consideração de divergência no âmbito das ciências naturais. Os argumentos são ditos científicos, eis a fonte da sua legitimidade. Em seguida, identifico alguns pontos que estruturam a argumentação dos autores:

O eixo antifeminista como fundamento das diferenças: no início do livro, os anos 1960 são apontados como divisor de águas entre uma vida anterior sem confusões de posições de gênero e outra, onde se buscou uma igualdade entre homens e mulheres, gerando infelicidade nos relacionamentos, trabalho, etc. Os autores buscam demonstrar que homens e mulheres são diferentes, independente das

suas vontades, e suas condições biológicas determinam tais especificidades. Para um conhecedor dos impactos culturais do feminismo nos anos 1960, o divisor utilizado pelos autores pode parecer emblemático, sobretudo porque a data se remete “à tentativa equivocada de desnaturalização de papéis”. A tensão “argumento científico x feminismo” fica explícita no final do livro, quando os autores mencionam uma pesquisa feita com mulheres que afirmavam preferir uma vida doméstica e priorizar a função de mães, ao invés de carreiras. A biologia, neste caso, se adaptou às regras do mundo produtivo, mas requer seus lugares ancestrais de gênero (PEASE e PEASE, 2000):

Daí se conclui que nem a badalação da mídia nem os movimentos feministas tiveram o impacto que se pensava sobre suas atitudes. Os valores e prioridades da mulher moderna são os mesmos que há séculos fazem parte do mundo feminino, ainda que vividos de forma diferente. A grande diferença é que 93 por cento das mulheres de hoje afirmam que a independência financeira é fundamental e 62 por cento delas querem mais poder político. Em outras palavras: não querem depender dos homens. (p. 175)

A biologização da cultura: várias passagens associam à biologia diferenças entre homens e mulheres, ao longo dos séculos, sendo apenas interrompida nas décadas recentes. Embora os exemplos sejam típicos de um modo de vida urbano das sociedades capitalistas, se remetem a um passado mítico, em que homens e mulheres das cavernas teriam comportamentos similares aos indivíduos contemporâneos. Tal como episódios dos *Flintstones* ou dos *Jetsons*, em que se pode ir ao passado ou futuro e encontrar os mesmos traços culturais na estrutura familiar, as narrativas do casal Pease operam com o que Heller (2008) chama de ultrageneralização, ou seja, representações que partem de uma percepção cotidiana e se apresentam como juízos sobre a realidade, confirmados pela imediaticidade da prática. “As mulheres ficavam satisfeitas de ver seus homens saírem para trabalhar enquanto elas mantinham o fogo aceso na caverna. Seus cérebros, então, evoluíram para atender às funções que precisavam desempenhar” (PEASE e PEASE, 2000, p. 16-17). Em outro trecho, afirmam os autores:

Homem de sucesso era aquele que conseguia bastante comida, e sua autoestima dependia do reconhecimento da mulher aos seus esforços. [...] Não era preciso 'repensar o relacionamento' e ninguém lhe pedia para levar o lixo para fora nem trocar as fraldas do bebê. [...] A sobrevivência era difícil, mas o relacionamento era fácil. Assim foi por centenas de milhares de anos. (pp. p. 16-17)

Narrativa histórica e mito: se a biologia é o pressuposto que justifica diferenças e necessidade de perpetuação de lugares sociais, a história, como consequência, só pode aparecer na forma de mito, pois qualquer historicização contradiria os pressupostos dos autores. Todo o enredo histórico que começa “na época das cavernas”, entrelaça situações da vida cotidiana contemporânea com possíveis elementos de um passado que a ela se assemelha. Ao atrelar ao passado mais remoto situações de gênero vivenciadas por muitos leitores, reforça-se a ideia da conformação e da compreensão das diferenças, com vistas a uma harmonização dos relacionamentos. Nas palavras dos autores (PEASE e PEASE, 2000):

Se você nasceu antes de 1960, é bem possível que tenha crescido vendo seus pais se relacionarem segundo os antigos princípios de sobrevivência entre homem e mulher. Eles repetiam o comportamento que aprenderam com os pais deles, que, por sua vez, imitaram os pais deles, que copiaram os pais deles, e assim por diante, até chegar ao povo das cavernas

com seus papéis claramente definidos.(p. 18)

A trama heterossexual: “homens fazem sexo, mulheres fazem amor” e prevalece a heterossexualidade como único padrão de relacionamento possível. Embora o livro reserve uma seção sobre a homossexualidade, esta aparece como resultado de uma carga hormonal, responsável por desenvolver inclinações sexuais, não se relacionando a escolhas individuais. A homossexualidade é apresentada como resultado de desnível hormonal e os autores (2000, p. 121) advertem às mulheres que pretendam engravidar: “é bom pensar primeiro em se dar um tempo e ver se há em volta fontes de estresse. Fundamental é procurar um médico e perguntar se algum remédio que esteja tomando pode alterar os níveis hormonais”. As mulheres, neste raciocínio, não apenas nasceram para ser mães, mas devem prezar pela normalidade hormonal e genética de seus filhos.

“Por que os homens amam as mulheres poderosas?”, livro que vendeu mais de 800.000 cópias, está entre os mais lidos pelas leitoras entrevistadas na pesquisa. Seu foco são mulheres solteiras, em busca relacionamentos duradouros. O livro de Argov tem bastante aceitação, por apresentar regras/princípios que sugerem às mulheres deixarem de ser “boazinhas”, para se tornar “poderosas”. A seguir, discorro sobre itens presentes no manual, buscando identificar as questões de gênero nele presentes.

Mulher solteira, heterossexual: o universo heterossexual é a matriz da narrativa do aconselhamento. Através de 100 princípios explicados pela autora, são descritas situações sobre a lógica de pensar dos homens e as indicações do que uma mulher “poderosa” deve fazer, se quer conquistá-lo. Embora fale recorrentemente de autonomia, as regras se dirigem às mulheres que pretendem conquistar os homens, sem ser “boazinhas”, mas atendendo aos seus parâmetros. Não há indicações ou sugestões do quanto os homens deveriam se esforçar para atender às mulheres, é sempre o contrário. A fragilidade dos relacionamentos é atribuída aos excessos de sentimentalismos por parte das mulheres, as quais deveriam controlar suas emoções e demonstrar autonomia.

Linguagem terapêutica e trabalho das emoções: um dos aspectos desenvolvidos por Argov é a distinção entre “boazinha” e “poderosa”; a primeira, põe o amor em primeiro plano e realiza todas as vontades do parceiro; enquanto a segunda demonstra ter vida própria, independente do relacionamento. Busca-se, aqui, o ideal de um relacionamento “saudável”, sem excessos emocionais por parte da mulher. O termo “boazinha” se remete a um perfil psicológico que deve ser superado e, em seu lugar, a figura da “poderosa”, que possui autoestima, autocontrole, determinação, entre outros termos popularizados da psicologia, que explicariam o sucesso ou fracasso dos relacionamentos afetivos. A autora apresenta dicas que variam entre adotar um comportamento, até demonstrar que age/pensa como tal. Aqui, aparece claramente o trabalho das emoções, tendo em vista que são as mulheres quem realizam todo um manejo para conseguir sucesso nos relacionamentos afetivos. Um exemplo disso é a sugestão da mulher simular a “falsa ingênua”, aquela que teria controle da situação, mas deixaria o parceiro acreditar que ele detém o poder, pois reforçar o poder masculino seria sinal de esperteza.

O negócio dos relacionamentos: a linguagem racionalizada dos afetos aparece através da lógica de adotar um comportamento e através dos termos que caracterizam os relacionamentos associados a um negócio. No início de cada capítulo, aparece sempre uma citação que utiliza metáforas mercantis: “sexo é como um pequeno negócio. Nunca se deve descuidar dele. (Mae West), “não aprenda os truques do negócio. Aprenda o negócio. (Anônimo)”, entre outros. A narrativa do aconselhamento também é permeada por associações a uma lógica racionalizada de mercado: “o

esforço não foi apreciado”, “investimento da parte dele”, “eu tenho valor” (como inverso de desvalorização), “pagar a conta” (no sentido de assumir consequência), “a falsa ingênuo é uma negociadora inteligente”, “usá-la e descartá-la”.

4 – Gênero e emoções nas narrativas das leitoras

Para a exposição, selecionei trechos de sete entrevistas, com diferentes recepções: as que se identificaram bastante com a leitura, as que se identificaram em parte e quem não se identificava. Observar as diferenças entre as leitoras foi interessante para pensar a dimensão da recepção em sua complexidade e as possibilidades de interpretação que a experiência cotidiana permite estabelecer. Algumas questões que aparecem nos depoimentos, serão estruturadas, em seguida, através de tópicos.

Razão e emoção: a maior parte das leitoras associava mulher à emoção e, neste sentido, viam os conselhos como fundamentais para aprender a lidar mais racionalmente em suas experiências. A exemplo, Raquel², 36 anos, falando sobre o lado emotivo das mulheres: “Eu acho que é uma coisa da natureza da mulher, eu penso que é isso. [...] Quando eu vejo que eu tô muito emotiva, eu procuro parar, aprender a lidar com isso. É assim que eu penso hoje”. No caso da leitora Cristal, de 29 anos, ao justificar a necessidade de controle emocional das mulheres:

... eu acho que o homem é melhor que nós nessa questão. Ele consegue lidar com isso; a mulher, não. [...] Eu acho que ela pode colocar tudo a perder. Porque a mulher é uma flor, né? Então, mexeu com ela, pode chorar, pode ficar nervosa, dependendo da situação, não é bom isso.

No caso de Larissa, 25 anos:

Há um tempo atrás, eu tinha uma amiga que me disse uma coisa muito certa: mulher tem que amar com a cabeça, não com o coração. Porque quando você ama com coração, você perde o juízo. E, na maioria das vezes que isso acontece, a mulher se ferra, sempre.

Legitimidade do discurso terapêutico: todas concordavam que a psicologia, na atualidade, é um campo de conhecimento importante no que diz respeito à subjetividade ou comportamento. Termos como autoestima, dependência emocional, eram definidos com segurança pelas leitoras e, em alguns casos, havia leitoras estudantes de psicologia ou psicólogas profissionais. Os manuais serviram, em vários casos, para estabelecer a ponte entre o linguajar da psicologia e a percepção das leitoras. No caso da leitora Raquel, ao se referir aos impactos do livro em sua autoestima:

Eu comecei a questionar mais sobre o meu valor. Questionar mais sobre o que eu quero pra mim, [...] o tipo de pessoa que eu quero, como eu quero ser tratada, porque antes de ler o livro, eu tinha a visão de que o outro era mais importante.

Trabalho emocional e racionalidade na vida prática: várias são as indicações dos usos dos aconselhamentos na vida das leitoras. Luiza, 37 anos, “Hoje eu aprendi a utilizar mais a razão (riso), deixar a emoção mais esquecida”; Larissa, 25 anos: “Acho que as famosas DR (discussão de relações)

2 Eu utilizo codinomes para me referir às entrevistadas.

eu procurei não trazer pra minha vida, porque isso traz um pouco de problemas"; Mariana, 21 anos,

Não cheguei a seguir diretamente, mas fiquei mais compreensiva, entendeu? (riso). Eu dizia: ah, vou pedir informação no lugar do meu pai ou do meu tio, porque eu sei que eles têm bloqueio, eu entendo que homem é orgulhoso e não vai conseguir.

Compreensão das diferenças de gênero: um dos aspectos das entrevistas é a análise de como as mulheres percebem as diferenças de gênero, tanto nos manuais de autoajuda, quanto através da experiência cotidiana. Em vários casos, as diferenças coincidiam com padrões veiculados nos manuais; porém, havia leitoras que apresentavam uma percepção mais contingente das diferenças, rejeitando, inclusive, o padrão sugerido nos livros. Paula, 26 anos, explicando as diferenças a partir da condição biológica:

Os homens, bem antes, foram criados para serem provedores da casa, protetores, então eu acho que isso é uma característica masculina, os homens têm esse desejo de trabalhar, de proteger, de prover o sustento; enquanto as mulheres têm aquela ânsia de ser mãe, de cuidar, de amamentar, eu não saberia explicar como, mas eu acredito que existe uma questão biológica.

No caso de Mariana, 21 anos, questionando o conteúdo do manual:

...então como eu posso dizer que é comprovado isso que eu tô falando que as mulheres são realmente biologicamente determinadas pra ficar em casa, e não culturalmente, e não socialmente programadas pra isso? [...] então, tudo isso faz até a gente acreditar que é comum a traição masculina, que é normal o homem ser infiel, é uma coisa assim que 'ah, é um tipo de conduta, mas é aceitável'. Tudo isso leva a gente a se acomodar, a ser inferior a eles e achar que 'poxa, eles sempre foram evoluídos e a gente tem que aceitar que eles são melhores que a gente'.

A leitora Cristal, falando sobre características masculinas ou femininas:

Olha, vou ser bem franca: hoje em dia esse mundo tá tão doido, que eu não consigo mais ver característica só feminina ou masculina. Não sei se é porque eu convivo muito nesse meio GLS, meus amigos de infância a maioria são todos gays, então hoje em dia não sei mais te dizer se é uma característica feminina ou masculina.

Desigualdades de gênero: além de observar a construção das diferenças, tenho analisado as desigualdades de gênero na percepção das leitoras. Esse item é relevante porque elas apontam várias situações em que se sentem prejudicadas por serem mulher, mas disso não resulta uma aproximação com o feminismo. Larissa, 25 anos, relatando a experiência no trabalho:

Eu estagio numa organização militar. Na Marinha, ainda são poucas mulheres que trabalham lá, enfim, e na minha divisão, eu sou a única. Então, ainda é complicado, tipo [...] pra os rapazes, ainda é muito complicado ter uma mulher lá dentro, ainda mais mandando neles. Então, você tem que saber...não adianta tentar mandar, porque se eu mandar, eles vão sair de lá e virar a cara, não vão nem olhar pra ti e vão te deixar falando só. Eles são assim mesmo, ainda tem muito isso. Então, tu tens que saber conversar, de certa forma até adular [...]

contornar a situação, mandar, mas de uma forma que não demonstre que tu estás mandando, entendeu?

Raquel, 36 anos, falando sobre seu campo de atuação predominantemente masculino: “Às vezes tem aquele preconceito, porque você é mulher, não aprender direito tal matéria, você não vai ser...eles te olham diferente. Ainda tem um pouco de preconceito, principalmente na Física, eu sofri, eu senti”. Mariana, 21 anos, falando sobre trabalho e maternidade:

O que eu vejo, hoje em dia, é que as mulheres ficam entre a cruz e a espada. Então, se dá muita atenção ao filho, esquece da vida profissional; se tenta focar na carreira, se sente culpada porque não deu atenção à criança. Tem uma pessoa que conheço que mudou de emprego, porque não aguentava ver a filha chorando, quando ela saía toda manhã. A menina segurava na perna dela e ela não aguentava. Aí, ela fez concurso pra polícia, que trabalha, mas folga um dia ou dois, mas [...] a menina continua fazendo esse escândalo. E ela fica pensando: será que a babá tá batendo nela? Será que tá acontecendo alguma coisa? Não fica tranquila. Eu acho que hoje em dia não tá bem resolvido isso.

No caso de Cristal, 29 anos, ser mulher e negra marca sua inserção profissional:

Eu sinto por ser mulher e pela cor da minha pele, mas na área profissional. Porque a área que eu escolhi tem mais homem, mais velhos, inclusive. Eu tenho 29 anos, ainda é um bebê nessa área. Então, por eu ser mulher e ter 29 anos, eles têm um certo preconceito. O fato de ser negra também, ainda tem um certo preconceito, por ser uma negra trabalhando numa área só de burgueses.

Percepção do feminismo: várias entrevistadas defendiam a autonomia feminina, vivenciaram situações de desvantagem de gênero na vida pessoal e profissional, porém afirmavam não se identificar com o feminismo. De todas as 21 entrevistadas, poucas se veem como feministas. No quadro abaixo, faço uma comparação entre a visão das leitoras sobre o feminismo e sua autopercepção sobre o assunto.

Como você define/compreende o que seja o feminismo?	Você se vê como feminista?
--	-----------------------------------

<p>Há muito tempo, foi visto como essa coisa de queimar sutiã, etc. Eu acho que o feminismo, algumas vezes, eu acho que nada em excesso é legal. Feminismo em excesso, também não é legal. Se torna até machista, de certa forma. Porque têm mulheres que são tao feministas, que elas até acabam deixando de ser mulher, de alguma forma. Porque 'ah, as lutas pelos direitos; ah, mulheres, direitos iguais', tá, beleza. Mas, eu acho que tem que tomar muito cuidado com essa história de feminismo, pra não exagerar, pra não cair num machismo, de certa forma. Eu acho que tu pode ser feminista, mesmo não dividindo a conta teu namorado, quando ele paga a conta pra ti, mesmo abrindo a porta do carro sem ele precisar abrir, sabe por que? Hoje em dia, o feminismo é uma coisa tao gritante, que até a mulher acaba sufocando a outra mulher. Porque a gente fica na obrigação de seguir aquela teoria feminista, que muitas vezes a gente não concorda. Então, eu acho que isso precisa ser reavaliado, de alguma forma. (Larissa – 25 anos)</p>	<p>Não, eu me vejo como uma mulher que tende a lutar pelo espaço como mulher, entendeu? Acho que ser feminista é uma coisa muito radical, eu sou contra o radicalismo, de forma geral. Acho que tudo tem que ser ponderado. Eu sou uma mulher que defende os direitos da mulher, não feminista.</p>
<p>Eu acho o feminismo um pouco exagerado, né? De repente, a mulher perdeu muita coisa com a sua independência, então, eu acho que tem que ter um equilíbrio. [...] O que perdeu: a própria valorização da mulher, de certa forma ela está vulgarizada. A mulher...como eu posso falar? Ela acha que com a exposição do corpo dela vai conquistar um homem, e isso tá totalmente errado. [...] O respeito que existia antigamente, de repente está se perdendo também. A moral está muito em baixa, né? Uma mulher que seja mais correta, acaba pagando pelas que não são (riso). Então, eu acho que muita coisa acaba se perdendo, muita coisa boa. (Luiza – 37 anos)</p>	<p>Não (riso). Não, eu não defendo muito a independência da mulher. Acho legal algumas coisas, mas não me vejo como feminista.</p>
<p>Eu compreendo o feminismo como um movimento que luta pela igualdade dos direitos, que luta pelo fim da discriminação das mulheres, então não quer dizer que eu vou ficar chateada se um cara puxar a cadeira pra eu me sentar [...]. Eu acho que não tem a ver com gentileza, tem gente que gosta disso, tem gente que faz as coisas sozinhas e não tá nem aí! Não quer dizer que eu sou feminista, que eu concordo com o</p>	<p>Eu me vejo sim. Porque eu, cada vez mais, tenho me chocado com essas coisas. [...] eu também luto por isso, eu também me sinto, acho que quando mexe com uma, mexe com todas; eu me sinto incomodada com relação a direitos, sabe? Eu não gostaria que discriminassem um negro, um homossexual, não suporto que maltratem animais, então, quando fala em direitos, isso mexe muito</p>

<p>feminismo, que eu vou ser contra isso. Achar que se eu sou feminista, eu sou contra os homens. [...] Não, a gente tá querendo apenas que nos devolvam as coisas que foram roubadas há tanto tempo (riso)[...] Então, eu vejo dessa forma: como uma ferramenta de luta pela igualdade, não pra diminuir o direito do outro e aumentar o meu. (Mariana – 21 anos)</p>	<p>comigo. Eu me sinto tocada por todas essas coisas.</p>
<p>Eu acredito que o feminismo tirou a mulher de dentro de casa. Foi ele que chegou e disse: olha, você pode fazer outra coisa, além de ser dona de casa. Eu não tenho muito conhecimento sobre o movimento. Mas acredito que foi começar a lutar por direitos iguais, de chegar e dizer “eu também tenho direito a uma profissão”. (Raquel – 36 anos)</p>	<p>Eu acho que nessa questão de tentar a igualdade profissional, talvez. Eu acho que a gente trabalha igual, então a gente merece o mesmo tanto. [...] Por exemplo, da liberdade sexual da mulher. Eu não sou tão feminista a ponto de achar que eu sou igual a um homem que vai lá, tem uma noite de prazer e volta e tudo bem. São poucas que conseguem. No campo do comportamento, estou sempre atenta, de chegar pra outras mulheres e dizer: não, você não pode se rebaixar, etc.</p>

5 – Considerações finais

Nos limites da exposição, foi necessário selecionar eixos que apontam questões surgidas das teorias, dos manuais de autoajuda e do universo das leitoras, que demandam observação minuciosa, se queremos pensar nos porquês da aceitação e difusão da literatura de autoajuda para mulheres, que começa a partir de dilemas nos relacionamentos afetivos (heterossexuais) contemporâneos, mas têm implicações em outras esferas da vida social.

É possível observar que a procura pela literatura tem sido constante, num contexto de progressão na escolaridade das mulheres, mais ingressos em carreiras profissionais, incidência de divórcios ou casamentos tardios, demanda de conciliação de posições (trabalho, maternidade, sexualidade), etc. Os manuais, embora não sejam as únicas formas, têm surgido como uma resposta a questões contemporâneas vivenciadas pelas mulheres e tanto conseguem se expressar ao retratar muitas situações do cotidiano delas, quanto apresentam uma resposta que coaduna com um padrão sociocultural vigente. Busca-se a conciliação da vida afetiva com outras esferas, nos limites estabelecidos socialmente. O feminismo, emblematicamente, é visto pela maioria como um excesso, justificando a falta de identificação.

Por outro lado, embora não sejam maioria, surgem depoimentos que destoam de um padrão vigente, mostrando que as rupturas são possíveis, inclusive porque algumas entrevistadas leram os manuais em outra fase da vida e se veem processualmente, ou seja, sua fala representa um olhar sobre passado e presente, em vários aspectos, bastante distinto de suas representações anteriores. Neste sentido, confere-se a complexidade do objeto, ao se observar que existe um contexto que explica o surgimento e difusão deste discurso, mediado pela indústria cultural, e existe um universo de mulheres, para as quais a literatura se dirige, que vivenciam alguns dilemas de gênero similares, porém com possibilidades heterogêneas de recepção.

BIBLIOGRAFIA

ARGOV, Sherry. (2009). *Por que os homens amam as mulheres poderosas?* Rio de Janeiro: Sextante.

HELLER, Agnes. (2008). *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra.

HOCHSCHILD, Arlie Russel. (2003) *The commercialization of intimate life: notes from home and work*. Berkeley and Los Angeles, California: University of California Press.

ILLOUZ, Eva. (2008). *Saving the modern soul: therapy, emotions and the culture of self-help*. Berkeley and Los Angeles, California: University of California Press.

ILLOUZ, Eva. (2001). *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar.

PEASE, Allan; PEASE, Barbara. (2000). *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?: uma visão científica (e bem-humorada) de nossas diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante.